

## BEZERRA DE MENEZES

Denominado, desde muito novo, de “O Médico dos Pobres”, pela maneira como se dava a todos os carenciados, o cearense ADOLFO BAZERRA DE MENEZES CALVACANTTI nasceu em Riacho de Sangue a 29 de Agosto de 1831, filho de Antônio Bezerra de Menezes e de Fabiana de Jesus Maria Bezerra.

Acabada a instrução básica, embarcou em 1851 para o Rio de Janeiro, então capital do Império, a fim de se matricular na Faculdade de Medicina

Estudante pobre na capital carioca, lutando com inúmeras dificuldades, ele mesmo contou que na ocasião de uma das matrículas anuais, não tinha como pagá-la e nem contava com qualquer objecto de valor para vender ou penhorar; aliás, não era só a matrícula mas a própria renda do quarto onde vivia e corria o risco de ser expulso pelo senhorio, dado que já tinha o pagamento das rendas atrasado.

Desesperado, apelando para Deus, escutou que lhe batiam à porta. Abriu. Na sua frente, um moço de fisionomia simpática e atitudes polidas, vinha combinar com ele umas aulas de matemática, pois fora para ele indicado por moço amigo. De princípio, Bezerra recusou pois matemática era das matérias que ele mais detestava, mas o visitante insistiu e ele, lembrando-se da sua situação desesperada, aceitou.

O moço, com a desculpa de poder esbanjar o dinheiro que o pai lhe mandava, pediu licença para pagar adiantadamente as lições contratadas. Bezerra, embora com alguma relutância, cedeu. Combinaram o dia e hora do início das explicações; e Bezerra, sentindo-se demasiado enfraquecido sobre a matéria, e sem quaisquer livros sobre o tema, correu para a Biblioteca, onde passou horas estudando sofregamente os vários pontos que lhe seriam necessários para o início das explicações, que nunca aconteceram porque o moço nunca mais apareceu!

Em 1856, terminou o curso, com 25 anos de idade, tomando posse no ano imediato, do cargo na Academia Imperial de Medicina, sendo relator de 1859 a 1861.

Desejando abrir um consultório, mas sem meios materiais para o fazer, aliou-se a um colega, mais bafejado pela fortuna, e, em conjunto, instalaram-se numa salinha, no centro comercial da cidade, onde não eram procurados pois sem nome feito e acabados de cursar, ninguém os conhecia – o que não acontecia na sua residência, sendo procurado por familiares e amigos, onde o “acerto” dos seus diagnósticos ajudou a que estes passassem palavra a outros e mais outros, não lhe regateando, ninguém, os seus louvores. O nome do jovem médico começou, assim, a criar fama e o bairro enchia-se de pessoas curadas pelo Dr. Bezerra...O problema é que ninguém lhe pagava as consultas e ele, por seu lado, a ninguém falou, nunca, em dinheiro!

Em 1858 ingressou no exército, como cirurgião-tenente, assistente do cirurgião-mor do Exército, na época o Dr. Manoel Feliciano Pereira de Carvalho, continuando com a clientela pobre, paupérrima, miserável... Foi aí que começou a ser apodado de “O médico dos Pobres”, título que ele afirmou ser o mais glorioso que alcançou na vida!

Com a fama angariada, o consultório, no centro da cidade, começou a tornar-se movimentado; ali, os clientes ricos pagavam as consultas e o somatório de todas elas passou a ser uma renda bastante satisfatória... que ele gastava com os seus pobres! Remédios, auxílio pecuniário, roupas, tudo ele distribuía entre as mãos que se lhe estendiam na solicitação de uma esmola.

“Médico-apóstolo”, dizem os seus biógrafos que nunca ninguém, mais justamente, mereceu tal título.

- Um médico, dizia ele, não tem o direito de terminar uma refeição, nem de escolher hora, nem de perguntar se é longe ou perto, se trouxe carro, quando um doente lhe bate à porta. O que não acode por estar com visitas, por ter trabalhado muito e estar cansado,

ou por ser noite alta, estar mau tempo o doente estar instalado num morro, o que pede um carro quando o doente nem tem dinheiro para pagar os medicamentos que são receitados, esse não é médico: é um comerciante da medicina!

Ainda em 1858 casa-se com Maria Cândida de Lacerda que, no início de 1863 desencarna, deixando-o viúvo e com 2 filhinhos. Vem a casar-se, dois anos mais tarde, com a cunhada, Cândida Augusta, que lhe dá mais 7 filhos.

O respeito e reconhecimento de numerosos amigos levam-no à política, sendo eleito vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, de que foi Presidente entre 1878 a 1881, e deputado federal por diversas vezes, perfazendo quase 30 anos de vida parlamentar. É ele ainda, nas suas actividades políticas, que empreende a construção da estrada de ferro Macaé-Campos.

Em 1886 confessa-se espírita e adere publicamente à Doutrina dos Espíritos.

Pelo caminho ficava a indiferença pela religião em que fora criado e de que se afastara na convivência com os colegas, durante a universidade. Sendo um 'devorador de livros' recusava-se, entretanto, a ler qualquer obra religiosa mas, um dia, um companheiro de consultório ofereceu-lhe um exemplar da Bíblia, com estampas finíssimas. Abriu o livro para ver as estampas, qual o faz uma criança, mas, no final, sentiu vontade de ler aquele livro que "encerrava minhas perdidas crenças... e também porque era vergonha para um homem de letras dizer que nunca o lera. Comecei... e esqueci-me a ler o belo livro, até perder a condução para minha casa e, depois, que cheguei à minha residência, senti prazer pensando que o voltaria a ler".

A leitura continuou pelos dias seguintes, conforme ele mesmo o afirma na revista O REFORMADOR, de Outubro de 1892, começando, então, a leitura de livros sagrados mas recusando, sistematicamente e sem nunca ter lido nada a respeito, qualquer leitura sobre Espiritismo, de que começavam a aparecer as primeiras obras no País. Um dia, um colega que traduzira O LIVRO DOS ESPIRITOS fez-lhe a oferta de um exemplar, que ele aceitou por cortesia, abrindo-o para se entreter na viagem de bonde de uma hora, que demoraria até chegar a casa. Enquanto discutia consigo mesmo, afirmando que não iria para o inferno só por ler o livro, debruçou-se sobre aquelas páginas, para descobrir que nada do que lia lhe era novidade: ele conhecia tudo sem nunca ter lido nada a respeito!

O conhecimento da doutrina tempera-lhe a alma, incentivando-o ainda mais no amor ao próximo, enquanto a família sofre a consequência do seu altruísmo, de tal maneira que a esposa procura o farmacêutico para quem eram mandados os doentes com as receitas e combina com ele uma maneira de agir que não prejudicasse tanto os familiares. Exposto o assunto a Bezerra ele é forçado, ainda que relutante, a aceitar a combinação criada entre a esposa e o farmacêutico e os familiares passam a viver com um pouco menos de dificuldades.

Presidente da Federação Espírita Brasileira em 1889, foi reeleito para o cargo em 1895, sendo a morte, em 1900, a terminar com o seu mandato.

Encontrando ainda tempo para escrever, publicava semanalmente no jornal O PAIZ artigos sobre o Espiritismo que assinava com o pseudónimo de MAX, sendo ainda autor das seguintes obras: ESPIRITISMO – ESTUDOIS FILOSÓFICOS, que a FEB juntou em 3 volumes, editados, então, na cidade do Porto, em Portugal; A CASA ASSOMBRADA, CASAMENTO E MORTALHA; a tese DIAGNÓSTICO DO CANCRO e o estudo A LOUCURA SOB NOVO PRISMA, com importantes considerações sobre a etiologia das perturbações mentais. Escreveu, também, UMA CARTA DE BEZERRA DE MENEZES, dirigida ao irmão, na qual lhe dá conta da sua conversão ao Espiritismo e onde responde às palavras que o irmão lhe dirige de reprovação pelos seus novos ideais.

Desencarna a 11 de Abril de 1900, depois de pertinaz doença que o manteve ‘amarrado’ ao leito, e na qual perdeu a fala e os movimentos. Apenas os olhos falavam...

Em 11 de Abril de 1950 – descreveu Francisco Cândido Xavier – Celina, Espírito Mensageiro de Maria, procurou o Espírito Bezerra para lhe transmitir uma mensagem da Mãe dos Céus: Maria convidava-o, mercê de tudo aquilo que o seu Espírito angariara como encarnado e desencarnado, a escolher o mundo espiritual onde quisesse ficar.

Bezerra, grato e choroso pediu, e foi atendido, para continuar a socorrer os seus irmãos sofredores, enquanto haja um que o necessite!